



## A GEOGRAFIA E MÚSICA NO RECIFE: REPRESENTAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA CIDADE A PARTIR DAS LETRAS DAS CANÇÕES DO MOVIMENTO MANGUEBEAT

Camilla Aryana da Silva Monte<sup>1</sup>

camillamonte15@gmail.com

Wedmo Teixeira Rosa<sup>2</sup>

wedmo@recife.ifpe.edu.br

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base a utilização das letras das músicas do movimento Manguebeat nascido no Recife na década de 1990 que buscava mostrar os aspectos negativos da dinâmica socioespacial urbana da capital pernambucana, se utilizando para isso da vivência dos compositores e cantores das maiores bandas do estilo musical em questão, como o Mundo Livre S/A e a Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ).

Se utilizando do viés da geografia cultural para que seja possível a utilização da música para retratar o espaço, tal trabalho evidencia a importância da criação de uma paisagem sonora para que seja possível o conhecimento de uma região através da música.

Buscando relacionar espaço e música, fica evidenciado nesse trabalho o papel do movimento Manguebeat para que fosse possível a visualização dos problemas encontrados na cidade do Recife na década de 1990 e que não eram mostrados para outras regiões brasileiras, sem não esquecer dos aspectos regionais culturais da cidade, o Manguebeat não buscava apenas mostrar os problemas do Recife, mas sim, mostrar também os aspectos culturais regionais da cidade.

Nesse sentido, este trabalho, pretende refletir sobre aspectos a cidade do Recife a partir das músicas do movimento Manguebeat, trazendo aspectos culturais regionais e os dilemas existentes na capital pernambucana.

O Manguebeat não apenas ajudou a mostrar a dinâmica da cidade para o mundo, mas, também, modificou a paisagem desta, sendo inseridos aspectos do movimento em importantes espaços públicos da capital pernambucana, ficando evidenciando sua importância para a construção urbana do Recife.



## 1. O MOVIMENTO MANGUEBEAT

O movimento Manguebeat<sup>1</sup> surgiu na década de 1990 na cidade do Recife a fim de mostrar os problemas sociais presentes na capital pernambucana, tendo como principais idealizadores Chico Science e Fred Zero Quatro, o movimento que surgiu no bairro de Rio Doce em Olinda, mostrou para o mundo a sua dimensão e levou o seu som para todos os cantos do planeta.

Manguebeat advém de batida (*beat*) do mangue, que procurava unir a cultura pernambucana com o processo de globalização em que o mundo passava, trazendo nas músicas aspectos da cultura do estado pernambucano como a batida do maracatu, do coco, da ciranda e personagens típicos da região como Mateus e “Catirina” da dança folclórica Bumba-Meu-Boi, porém também se fazendo presente o *hip hop* americano e aspectos da *black music* americana.

Da fusão de ritmos regionais (maracatu, samba, coco, ciranda) com o pop (funk, rock, soul, black, hip hop, punk), desenvolve-se essa síntese musical que expõem um tipo de sincretismo de ritmos e a interação deles com as diversas culturas do globo. O tambor tribal se junta à guitarra e aos amplificadores norte-americanos. A releitura de ritmos regionais, conceitos e ideias pop não se manifesta de forma passiva. A tentativa de universalizar esses elementos nacionais, com o intuito de mostrar e criar uma nova cena para o mundo, conectando o Brasil com o cenário pop mundial, estabelece um diálogo com as manifestações artísticas que trouxeram à tona um Brasil cosmopolita como o Movimento Antropofágico e a Tropicália. (LEÃO apud PICHI, 2008)

Além de retratar os dilemas do Recife, o movimento ainda foi muito importante para resgatar a cultura pernambucana e trazer ela novamente para a cena nacional, onde se encontrava esquecida na década de surgimento do Manguebeat, por conta dos movimentos culturais do sul e sudeste brasileiro.

O Manguebeat tinha como principal símbolo o caranguejo, animal presente nos mangues que cortam a capital pernambucana e onde muitos moradores tiram seu sustento.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos no trabalho o nome Manguebeat, entretanto, poderá ser encontrado em outros trabalhos o nome Manguebit e/ou Mangue beat.



Os moradores desse local catam os caranguejos e os vendem nas feiras da cidade. Quando a venda é pequena e os catadores não conseguem comprar alimentos, esses passam a se alimentam do próprio caranguejo, o caranguejo desta forma é visto como forma de sustento e alimento.

O pontapé inicial para a consolidação do movimento foi o Manifesto Caranguejos com Cérebro de Fred Zero Quatro, dividido em quatro partes, no qual na primeira é trabalhado a biodiversidade presente no mangue e a vida que dele se sustenta, desde os insetos até o ser humano, que retira os caranguejos de sua lama para sobreviver. Na segunda parte ele traz os problemas da cidade maurícia (Recife) como a pobreza e o esquecimento dos mais carentes por meio do governo, evidenciando esse fato com a informação que a capital pernambucana era na época a cidade com o maior índice de desemprego do Brasil. Fred Zero Quatro ainda alcunha a cidade de Manguetown, fazendo uma alusão a presença do mangue na cidade e trazendo o *town*, palavra inglesa o qual designa “cidade”, dessa forma, cidade do mangue. Na última parte do manifesto, há um clamor por uma mudança na cultura recifense, necessitando até de um “choque nas veias do Recife” para que seja possível voltar a antiga cena cultural nacional.

Fazendo uma comparação entre as veias do corpo humano, que levam sangue para todo o corpo, e os manguezais do Recife, que fazem a cidade bater em um ritmo frenético, o autor do manifesto nos mostra que é preciso um ““círculo energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop” (QUATRO, 1992) o que ele traz como uma antena parabólica enfiada na lama dos manguezais, a antena simbolizando a dinâmica mundial dos conceitos pop, localizada na lama dos manguezais.

## 2. A MANGUETOWN

Em meio a dinâmica territorial dos anos de 1990, Recife se encontrava como a quarta pior cidade do mundo para se viver, com a miséria e os problemas sociais por todos os lados, a exemplo dos homens alcunhados por Chico Science de *homem-caranguejo* e *homem-gabiru*, o primeiro vivendo na lama dos manguezais e o segundo nas áreas de encostas de morros e regiões periféricas da cidade, ambos sofrendo com condições precária de vida.



Ambientados na considerada quarta pior cidade do mundo, a relação homem-caranguejo e homem-gabiru foi até retratada nas letras das canções do Manguebeat, quando em determinado trecho da música da Lama ao Caos (1994) é colocado “*Saiu do mangue, virou gabiru*” trazendo uma alusão aos homens que se faziam presentes no mangue e se mudaram para os morros, porém, não deixando de sofrer com os problemas sociais da cidade, apenas mudaram de endereço, mas continuam sofrendo das mesmas mazelas. Dessa forma, o mangue trasborda para outras localidades e leva consigo os mesmo problemas encontrados nas antigas residências.

*Entulhados à beira do capibaribe  
na quarta pior cidade do mundo  
Recife cidade do mangue  
Incrustada na lama dos manguezais  
Onde estão os homens caranguejos*

(SCIENCE, 1994a – trecho da música Antene-se)

Ao mesmo tempo jovens da periferia buscavam reivindicar seus direitos e trazer à tona os problemas vividos e encontrados na capital pernambucana. O sentimento de mudança e reinvindicação social acabou por surgir na forma de canções com alguns grupos musicais, que mesclavam a cultura pernambucana e ritmos estrangeiros, como a *black music*, o *soul* e o *funk*. Um dos primeiros grupos a enveredar para esse lado foi o *Lamento Negro* e o Loustal que tinha como líder Francisco de Assis, popularmente conhecido como Chico Science.

A cidade era como ponto inicial da cena mangue que incluía um miríade de ritmos, de bandas diferentes, que povoavam os bares, prostíbulos transformados em palcos para festas, festivais de músicas que surgiram na esteira do sucesso do Manguebeat, músicas que retratavam um passado modificado pelas lentes do presente, dentre outros elementos. Recife, de fato, teve uma parte de seu espaço e de seu tecido social animado pela energia que os mangueboys injetaram na cidade (OLIVEIRA, 2014).

Recife acabava por ser o ponto de partida para a consolidação do movimento e a utilização dos problemas presentes nela como pano de fundo para retratar o sentimento de insatisfação social e inquietude, sem esquecer dos aspectos culturais presentes na capital.



### 3. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE A PARTIR DO MANGUEBEAT

Já que o movimento tinha como um dos objetivos mostrar as mazelas sociais do Recife, nada mais do que inevitável mostrar a cidade a partir das letras do movimento. Desse modo, o Manguebeat acabou por caracterizar a paisagem do Recife nas letras de suas músicas, o que podemos classificar como uma paisagem sonora, resultando num processo de criação de uma identidade sonora.

A caracterização da cidade pela música acabou por levar Recife a outras regiões brasileiras e até para fora do país, levando consigo aspectos da cultura regional nordestina como o maracatu, bem como, o novo ritmo que estava a surgir e trazendo de volta Pernambuco para o cenário cultural brasileiro. Por conseguinte, acabava por também levar as problemáticas sociais do Recife e fazendo despertar em outros jovens de outras localidades uma inquietação social e um sentimento de mudança do atual paradigma social dos grandes centros urbanos.

O movimento levava os aspectos da dinâmica urbana da cidade para diversos locais, sempre preservando aspectos regionais da cultura popular, bem como mostrando os mitos urbanos da cidade, como o *Galeguinho do Coque* e o *Biu de olho verde*, presentes na letra da música Banditismo Por Uma Questão De Classe (1994):

*Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha  
Não tinha medo da perna cabiluda  
Biu do olho verde fazia sexo, fazia  
Fazia sexo com seu alicate (SCIENCE, 1994b).*

Galeguinho do Coque e Biu do olho verde foram dois homens que praticaram crimes de cunho sexual na capital pernambucana, o primeiro com mulheres e o segundo com crianças do sexo masculino, esse, se utilizando muitas vezes de um alicate para a prática e a perna “cabiluda” traz uma lenda urbana da cidade de uma perna cabeluda e grande que atacava mulheres que se encontravam a noite sozinha nas ruas.

É de extrema importância a representação de uma cidade a partir da música, retratando desta forma uma paisagem sonora (TORRES E KOZEL, 2010) que acaba por levar tal local e suas características para outras regiões do país, graças ao versos rimados e com aspectos daquela região.



Na mesma canção acima, observa-se outro aspecto da leitura crítica social de Chico Science da cidade do Recife, quando ele se utiliza da música para retratar os problemas encontrados nas regiões periféricas (os morros) da cidade em relação à polícia.

*Em cada morro uma história diferente*

*Que a polícia mata gente inocente* (SCIENCE, 1994b).

Observamos nesse trecho traços de outros estilos musicais brasileiros, como o rock do grupo *Titãs*, quando o grupo lançou a música *Policia* em 1984 que faz referencia ao tratamento diferenciado que se é dado a sociedade quando o debate é sobre a ação policial. Ainda podemos dizer que essa música do movimento pode ter surgido a partir da influencia da *black music* americana, um dos estilos musicais que influenciaram o Manguebeat.

Analizando outra música observamos mais alguns aspectos ligados ao Recife, com um viés novamente direcionado as críticas sociais da capital pernambucana:

*E a cidade se apresenta centro das ambições*

*Para mendigos ou ricos e outras armações*

*Coletivos, automóveis, motos e metrôs*

*Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs* (SCIENCE, 1994c).

O trecho acima mencionado é da canção *A Cidade* (1994) que busca trazer o de mais verdadeiro se encontra(va) na cidade do Recife, mostrando as dicotomias da cidade pernambucana e como ela verdadeiramente é: um centro de ambições, que os que vivem nela apenas tentam sobreviver em meio aos problemas que se fazem presentes nesse espaço.

As problemáticas urbanas da cidade do Recife ainda são colocadas em outro trecho da música:

*A cidade não pára, a cidade só cresce*

*O de cima sobe e o de baixo desce*

*A cidade não pára, a cidade só cresce*



*O de cima sobe e o de baixo desce [...]*

*E a situação sempre mais ou menos*

*Sempre uns com mais e outros com menos (SCIENCE, 1994c).*

Trazendo mais uma vez os dilemas da capital pernambucana e se utilizando da metáfora para poder mostra-los, Chico Science e Nação Zumbi mostram que a cidade com seu ritmo intenso acaba por crescer cada vez mais sem que ocorra o processo de desenvolvimento e consequentemente a melhoria de vida das populações mais carentes, resultando num processo de enriquecimento cada vez maior das camadas superiores, enquanto as camadas inferiores sofrem cada vez mais com problemas oriundos do baixo déficit econômico. Se utilizando mais uma vez da fala de Chico Science “a cidade se encontra prostituída” em busca daquele que faça com o que ela lucre mais e aumente seus cofres públicos, esquecendo-se que nem só de uma economia estável se faz uma cidade.

Se utilizando ainda da mesma música para retratar o Recife é perceptível como a imagem da cidade é criada para outras regiões:

*A cidade e sua fama vai além dos mares*

*No meio da esperteza internacional*

*A cidade até que não está tão mal*

*E a situação sempre mais ou menos*

*Sempre uns com mais e outros com menos (SCIENCE, 1994c).*

Neste ponto observamos que há uma imagem criada para as pessoas que não vivem no Recife, imagem que pode ter sido criada a partir das belas paisagens que não retratam as verdadeiras dicotomias da capital. Tal imagem leva a fama da cidade para além-mar e para quem não convive e vive nela acaba por se criar no imaginário uma cidade que na realidade não existe, onde a desigualdade vai acabar por criar “uns com mais e outros com menos”.

As músicas do movimento acabaram por se tornar um hino nas bocas dos diversos jovens que frequentavam os espaços públicos da Região Metropolitana do Recife (RMR)



acabando por contribuir para uma reflexão crítica dos jovens que passavam a ver a cidade e discutir os problemas presentes na mesma. Esses jovens eram chamados de mangueboys e manguegirls que tinham uma caracterização própria e se utilizavam de gírias do movimento para que pudessem serem vistos em meio ao fluxo populacional da cidade. Dessa forma, o Manguebeat não apenas caracterizava e retrata a paisagem do Recife, mas também inseria aspectos à capital pernambucana, bem como a modificava.

#### **4. A CARACTERIAÇÃO DO RECIFE PÓS MANGUEBEAT**

O Manguebeat acabou por não somente caracterizar a cidade a partir de suas músicas, mas também modificou a paisagem desta e com a morte precoce de Chico Science em 1996, o movimento acabou perdendo um pouco de sua força, mas nunca deixando de se fazer vivo nos jovens da cidade “mauricia” que ainda se revoltam e se entristecem com os problemas evidenciados na cidade. As músicas do início do movimento tem mais de vinte anos e mesmo assim ainda são atuais na dinâmica urbana do Recife, exemplo disso são os shows com grande público da Nação Zumbi (antiga banda de Chico Science) que acontecem em diversas épocas do ano na cidade, trazendo sempre os grandes sucessos do início da carreira.

Mesmo com a morte precoce de Chico, as mudanças ocorridas na cidade foram perceptíveis, principalmente com os chamados homens-caranguejo que viviam no mangue e do mangue para sobreviver, a maioria desses moradores saíram desses lugares e foram recolocados em outras áreas que lhe dessem uma qualidade um pouco melhor de vida. Ademais, o movimento mostrou a necessidade de lutar em conjunto e em busca de melhorias, a exemplo da frase de Chico Science (1994b): “*o homem coletivo sente a necessidade de lutar.*”

Dentre outras mudanças encontradas na capital pernambucana graças ao movimento, podemos trazer a estátua de Chico Science na Rua da Moeda no bairro do Recife Antigo. Essa rua tinha uma grande importância para os mangueboys, pois, era nela que esses se encontravam para a socialização de algumas ideias, ocorrendo um processo de apropriação desse espaço por esses jovens e nada melhor do que caracterizá-lo como um símbolo de um dos maiores cantores do movimento.



Andando mais um pouco, observamos um enorme caranguejo de alumínio na rua da Aurora no Centro do Recife, caranguejo esse, símbolo do movimento, tais aspectos podemos entender como marcas visíveis na paisagem da cidade do Recife, heranças do movimento Manguebeat.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Manguebeat foi mais do que um mero e simples movimento musical do Recife, este, possibilitou o surgimento de uma reivindicação social na população presente na cidade e até para quem não vivia na capital pernambucana, mas que era atingida pelas musicas do movimento.

Trazendo aspectos culturais regionais do Recife e mostrando mitos e lendas urbanas da capital pernambucana, o Manguebeat levou as características culturais, sociais e urbanas do local de origem, além de resgatar e levantar a cultura pernambucana que se encontrava esquecida em meio aos estilos musicais do sul e sudeste brasileiro.

Além das modificações ocorridas diretamente na capital pernambucana, observamos também a mudança na paisagem do Recife após o surgimento do Manguebeat como a presença de diversos aspectos presentes no movimento. A força do Manguebeat se mostra tão grande que até mais de vinte anos de sua criação o movimento ainda se faz presente nas diversas camadas da capital pernambucana e mostra sua importância para que ocorram as verdadeiras mudanças para a população mais carente do Recife.

## REFERÊNCIAS

Diário de Pernambuco. **O que foi o movimento Manguebeat?** Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/diarinho/2014/02/21/interna\\_diarinho,490736/o-que-foi-o-movimento-manguebeat.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/diarinho/2014/02/21/interna_diarinho,490736/o-que-foi-o-movimento-manguebeat.shtml)>. Acessado 02/11/2015

KOZEL T. S.; TORRES, M. A. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Ra'e ga** (UFPR), v. 20, p. 123-132, 2010.

OLIVEIRA, E. C. L. A ideia de cultura da cena Manguebeat e a criação de uma nova representação para a cidade do Recife. In: **Anais** do IV Congresso Internacional de História - 'Cultura, sociedade e poder', 2014, Jataí/GO. IV Congresso Internacional de História - "Cultura, sociedade e poder". Jataí/GO: UFG, 2014. p. 01-15.

PICCHI, B. Uma geografia do mangue: movimento Manguebit, Josué de Castro e regionalismo nordestino contemporâneo. In: **Anais** do XV ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, 2008, São Paulo. O espaço não pára: por uma AGB em movimento, 2008. v. 15. p. 1-13.



QUATRO, Fred. **Manifesto Caranguejos com Cérebro.** 1992. Disponível em: <<http://manguebeat.forumeiros.com/t2-manifesto-mangue-1-caranguejos-com-cerebro>> Acessado 02/11/2015.

SCIENCE, Chico. Antene-se. In: Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994a. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/chico-science/304728/>&gt; Acessado dia 10/12/2015.

SCIENCE, Chico. A cidade. Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/chico-science/45205/>&gt; Acessado dia 10/12/2015.

SCIENCE, Chico. Banditismo Por Uma Questão De Classe. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994b. Disponível em <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77650/>. Acessado dia 20/06/2016

SCIENCE, Chico. Da Lama ao Caos. Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994c. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>&gt; Acessado dia 10/12/2015.

TESSER, Paula. Mangue Beat: humus cultural e social. **Logos** (Rio de Janeiro), ano 14, p. 70-83, 2007.